

Apresentação

Este número de *Convergência Lusíada* traz, como recorte temático, as obras de autores portugueses que tratam de amores contrariados. Assunto recorrente à literatura, presente desde as cantigas medievais até a prosa e a poesia contemporânea, as representações e os questionamentos sobre a impossibilidade amorosa têm ajudado a veicular, a sustentar, a distorcer e a transgredir ideais e convenções sociais sobre o amor.

Isto é comprovado pelos estudos dos professores e pesquisadores publicados agora, mas que também foram abordados nas aulas do curso Amores Impossíveis, realizado no Real Gabinete Português de Leitura em 2017. A representação literária de relações adúlteras, homoeróticas, incestuosas e pedófilas, factuais ou puramente ficcionais, foram discutidas nessas aulas e resultaram nos artigos dos professores e pesquisadores Teresa Cristina Cerdeira, Mônica Fagundes, Luís Maffei, Rafael Santana e Andreia Castro.

“‘A trepadeira submersa’: amores impossíveis na poética de David Mourão-Ferreira”, de Teresa Cristina Cerdeira, trata da “existência de amores impossibilitados por uma ótica ideológica opressora que condena a sexualidade heterodoxa (neste caso feminina) por ser ela um agente transgressor dos princípios que produzem uma sociedade renovada pela reprodução funcional”.

“Uma Rapariga no País das Maravilhas: Mário Cláudio, Lewis Carroll e a tradição portuguesa”, de Mônica Fagundes, aborda o romance do escritor Mário Cláudio que “recria ficcionalmente a relação entre o professor de Matemática, escritor e fotógrafo amador Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, e Alice Liddell”.

“O amor como impossibilidade: desejo e(m) escrita com Mariana”, de Luís Maffei, aponta que “a impossibilidade do amor que as cartas dramatizam chegam a outra impossibilidade, que é a determinação da origem do texto, que acaba por ser, em virtude de sua incerteza autoral, uma insuperável flutuação, uma quase metáfora do desejo em estado de escrita”.

“O (im)possível homoerotismo de Mário de Sá-Carneiro”, de Rafael Santana, discute a obra *Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro a partir do arquétipo

blanchotiano, o qual assinala a impossibilidade do amor de Orfeu e Eurídice em termos diurnos.

Já “Amores encarcerados”, de Andreia Castro, aponta como o casal de escritores Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, presos por adultério, buscavam, através de seus textos, comprovar que a Cadeia da Relação não era o lugar daqueles cujo único crime foi amar.

A estes cinco artigos, uniram-se os textos dos professores e pesquisadores Hugo Lenes Menezes, Silvio Cesar Alves, Michelle Vasconcelos, Rodrigo Santos de Oliveira, Viviane Vasconcelos, Elen Biguelini, Carlos Roberto dos Santos Menezes, Julianna Bonfim, Renata França Pereira e Márcia Manir Miguel Feitosa.

“*Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano: o amor impossível num romance histórico-trágico-passional”, de Hugo Lenes Menezes, demonstra, a partir de um diálogo comparativo, que a narrativa histórica e trágico-passional do romântico luso Alexandre Herculano persevera enquanto ideia central, explicitada no capítulo XVIII, sugestivamente intitulado “Impossível”.

“*Um prego no coração* ou *ménage à trois*: Cesário, o “Espírito” e Silva Pinto”, de Silvio Cesar Alves, apresenta uma reflexão acerca da homosociabilidade e do homoerotismo masculino oitocentistas a partir do romance *Um prego no coração* (1998), de Paulo José Miranda (1964), de cartas de Cesário Verde (1855-1886) e do prefácio a *O livro de Cesário Verde* (1887), de Silva Pinto (1848-1911).

“A ficção amorosa entre Florbela Espanca e António Guimarães (1920-1925)”, de Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento e Rodrigo Santos de Oliveira, aborda como as cartas revelam segredos, confissões e testemunhos da história de amor da poetisa Florbela Espanca e daquele que viria a ser seu segundo marido.

“Considerações sobre amor em narrativas de Agustina Bessa-Luís”, de Viviane Vasconcelos, debruça-se sobre as diversas formas de amor nos romances de Agustina Bessa-Luís. Muitas dessas obras irão refletir sobre a própria escrita ou acerca de temas relacionados à existência humana. Um dos caminhos para compreender o objetivo dessa escolha está na biografia que Agustina escreve sobre a pintora Maria Helena da Silva, publicada em 1982, quando utiliza a expressão “pedagogia amorosa” ao citar Sócrates.

“‘He preciso ceder a nosso destino’: amores impossíveis em quatro obras de autoria feminina do século XIX”, de Elen Biguelini, trata, em sua essência, sobre amores

impossíveis em obras de escritoras femininas, em Portugal, na primeira metade do século XIX.

“‘A vida eterna depende do amor dos outros’: memória e trauma em *Flores*, de Afonso Cruz”, de Carlos Roberto dos Santos Menezes, propõe “uma leitura do romance *Flores*, de Afonso Cruz, focalizando a personagem Margarida Flores, o grande amor de Ulme, que vem a ser aquela que, dividida entre o amor e o desejo de combater o poder salazarista, trará na sua memória as marcas de um passado nefando, cuja linguagem se converterá em gestos teatrais para tentar expressar o trauma que sofrera no passado”.

“*Memórias [e paixões] de um doido*: desatinos amorosos no romance de A. P. Lopes de Mendonça”, de Julianna Bonfim, discute como as relações amorosas nas *Memórias de um doido* “são exemplares do sentimento romântico, com os encontros e desencontros, as decepções e as paixões avassaladoras.

“Lúcio Valério Quíncio x Iunia Cantaber: o amor impossível entre o estoicismo romano e o cristianismo emergente em *Um deus passeando pela brisa da tarde*”, de Renata França Pereira e de Márcia Manir Miguel Feitosa, objetiva elucidar como “as crenças religiosas e filosóficas de ambos, por serem contrárias, vão configurar-se como a maior impossibilidade para o amor que Lúcio nutre por Iunia, uma vez que o primeiro é cidadão romano e adepto conservador do estoicismo e a segunda é adepta do incipiente cristianismo, terminante e impiedosamente rejeitado pelo Império Romano durante o começo do século II d.C”.

Esta edição ainda conta com uma resenha e um verbete. A resenha de Maria Cristina Pais Simon apresenta *O olho e a mão*, “uma coletânea de poesia composta a duas mãos e quatro olhos pelos já conhecidos poetas Ana Marques Gastão e Sérgio Nazar David”. Já Eduardo da Cruz contribui com um a breve “biografia de Maria José da Silva Canuto (1812-1890), apontando seu perfil como escritora e poeta, política, tradutora e educadora. Destacam-se também alguns de seus pseudônimos e formas de acesso à imprensa periódica no século XIX”.

Desejamos aos nossos leitores uma prazerosa incursão em todos esses jogos amorosos nas suas linhas e entrelinhas literárias, que comprovam sempre que os limites sociais podem ser alargados, vencidos e (re)escritos pela literatura.

Ana Comandulli e Andreia Castro